

# Deu Brasil, em dose dupla, no Globo de Ouro



**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**P**elo segundo ano consecutivo, o Globo de Ouro é o Brasil... e em dose dupla: doze meses depois de a carioca Fernanda Torres (com “Ainda Estou Aqui”) arrebataram a estatueta concedida anualmente, desde a década de 1940, pela imprensa especializada, foi a vez de “O Agente Secreto” acalantar os corações cinéfilos deste país. Seu protagonista, Wagner Moura, venceu também e, no palco, falando português, cravou um “Viva o Brasil!”, antes de dizer “Acredito que, se traumas podem ser passados geração após geração, valores também podem”, numa referência à resistência de seu personagem à abusos de Poder num governo fardado.

Antes do nosso bom baiano emocionar o Beverly Hilton, sede da festa, coube à dupla Minnie Driver e Orlando Bloom anunciarem a vitória do thriller dirigido pelo pernambucano Kleber Mendonça Filho na categoria Melhor Filme Internacional. Ele derrotou mestres das mais variadas latitudes geográficas (o norueguês Joachim Trier, o iraniano Jafar Panahi, o sul-coreano Park Chan-wook, a tunisiana Kaouther Ben Hania e o galego Oliver Laxe). “Alô, Brasil! Dedico esse prêmio para jovens cineastas, pois este é um momento importante para se fazer cinema”, disse o realizador.

Crítico profissional ao longo de 13 anos, o jornalista do Recife que trocou a reportagem por uma carreira como diretor conseguiu um feito invejável para quem milita na imprensa cinematográfica ao ganhar a capa da revista “Cahiers du Cinéma”, a Bíblia do audiovisual, com seu novo (e originalíssimo) longa-metragem. Vista por 1,1 milhão de pagantes em nossas salas, a



Kleber Mendonça Filho e Emilie Lesclaux, sua mulher e produtora, exibem a estatueta de melhor filme em língua não inglesa no tapete vermelho do Globo de Ouro



Timothée Chalamet recebe a estatueta de melhor ator de comédia por ‘Marty Supreme’ e é o maior adversário de Wagner Moura pelo Oscar

produção recebeu quatro prêmios no Festival de Cannes: Melhor Direção, Melhor Ator (para um Wagner Moura em estado de graça), láu-

rea da Crítica e láurea da Associação de Cinemas de Arte e Ensaio. Eleito o Filme do Ano pela Associação de Críticos do Rio de Janeiro (AC-

CRJ), esse thriller se passa em 1977 e abraça a palavra “pirraça” para traduzir o zeitgeist do Brasil de Ernesto Geisel, sem usar a palavra “ditadura”. Naquele ano, no enredo, um pesquisador viúvo (papel de Wagner) regressa ao Recife para buscar seu filho e é caçado por assassinos. Crocante do início ao fim, a narrativa conta com desempenhos inspirados de Roney Villela (entre os matadores) e de Carlos Francisco, que vive um projeccionista.

“Nós temos vários focos de tensão no mundo hoje, mas vários olheiros do cinema americano que viram ‘O Agente Secreto’ disseram que o Brasil, neste momento, é uma reserva de alguma sanidade”, contou Kleber em recente entrevista ao Correio da Manhã, na Europa.

Conduzidos pela comediante Nikki Glaser, os Globos de Ouro tiveram como principal vencedor de 2026 o thriller de tintas cômicas ácidas “Uma Batalha Após A Outra”